

Pluralização com sujeito de tipo coletivo singular

Shirley Eliany R. Mattos (UEGO/UniEvangélica-GO)*

Resumo: Este artigo aborda as pluralizações verbais e pronominais anafóricas que ocorrem em contexto de sujeito coletivo singular. Argumenta-se que a pluralização no verbo não deve ser compreendida como hipercorreção e que a pluralização na anáfora é uma estratégia para assegurar a referência ao coletivo. Foram analisados dois corpora de fala e os resultados quantitativos apresentados pelo VARBRUL apontam as variáveis *saliência fônica* e *tipo de sujeito* como categorias lingüísticas estatisticamente relevantes na ocorrência de pluralização.

Palavras-chave: Sujeito coletivo, hipercorreção, saliência fônica, anaforização.

Introdução

Quem já ouviu frases como as de (1) a (3) provavelmente considerou a primeira oração característica de pessoas de baixo nível de escolaridade, mas não considerou sob o mesmo critério a pluralização nas demais.

(1) *Meu pessoal* TÃO esperando na esquina.

(2) A gente pede para *a turma* para ELES ajudarem na mudança.

(3) *O povo* já sabe o que quer. Não VÃO aceitar o voto comprado outra vez.

Sujeitos de tipo coletivo usados no singular têm sido apontados na gramática tradicional (GT) como motivadores do número singular no verbo adjacente, a não ser que se trate da figura de “silepse de número”, também denominada *constructio ad sensum* (pelo sentido) ou “concordância ideológica”, forma licenciada no texto literário, de acordo com Rocha Lima (1972, p. 377):

(4) *O povo* lhe PEDIRAM que se chamasse Regedor (Fernão Lopes)

Desde o latim, essa possibilidade de concordância é conhecida. Manuais como a *Gramática do latim vulgar* de Maurer Jr. (1959) relatam essa possibilidade de forma plural no verbo ligado a sujeito coletivo singular, tanto no latim clássico quanto no latim corrente. É certo, porém, que o latim falado apresentava maior

* Endereço eletrônico: shirley.rmattos@gmail.com

tendência à concordância *ad sensum*, enquanto o latim clássico, mais preocupado com a sintaxe da oração, atentava mais à concordância morfossintática estrita. Segundo Tovar (1946, p. 16), autores clássicos como Cícero e César não teriam gostado dessa construção, que consideravam “muy natural y primitiva”, como no exemplo *turba ruunt*, que significa “a multidão prorrompem”, apresentado na *Gramática de Port-Royal* (ARNAUD e LANCELOT, 1992, p. 141).

Mattos e Silva (1993, p. 88) esclarece que no português arcaico a documentação lingüística que herdamos atesta que é facultativa, entenda-se variável, a concordância verbo-nominal.

A Gramática Tradicional considera ainda exemplos como (3) casos típicos de sujeito oculto, e destaca especialmente o aspecto da distância linear entre o coletivo explícito da primeira oração e sua ratificação na desinência verbal apresentada adiante. Esses casos são concebidos como “sujeito distante” ou ainda “afastamento verbal” (ALMEIDA, 1999, p. 442; CUNHA e CINTRA, 1985, p. 614; ALI, 2001, p. 216). Nesta análise a concepção de sujeito oculto é elaborada como um caso de referenciação, isto é, de anáfora zero de coletivo; a categorização é relativa a tipo de sujeito e não relativa à distância linear.

Quanto à ocorrência de (2), a Gramática Tradicional não registra regra específica à anaforização pronominal de coletivo singular na forma singular. Registra, sim, que o pronome, como determinante, deve seguir, em gênero e número, a palavra determinada. No entanto, o exemplo apresentado por Bechara (2001, p. 552) não trata de palavra determinada, mas da função sintática sujeito composto, como exposto a seguir:

(5) A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade. (Alexandre Herculano)

No que concerne aos nomes de sentido coletivo, o que a Gramática Tradicional aponta é que o sujeito coletivo formalmente singular, quando perto do verbo e seguido ou não desse coletivo de adjunto singular, deve deixar o verbo no singular. Com base no princípio geral da morfossintaxe de língua portuguesa, que é o de fazer concordar a morfologia do verbo com a morfologia do sujeito ou do núcleo do sujeito a que se refere, infere-se que, em casos de retomada anafórica pronominal do sujeito coletivo singular, a referência anafórica pronominal explícita igualmente deve obedecer à regularidade de singular.

Na atualidade, exemplos de pluralização verbal com coletivo singular são encontrados em várias instâncias da escrita jornalística e da literatura de informação. A peculiaridade é que não se trata de pluralização verbal com sujeito coletivo adjacente, mas com a anáfora zero de coletivo singular:

(6) O fato é que sabemos que há *muita gente* que escreve coisas com qualidade, mas não CONSEGUEM publicar isto em papel. (SOUZA, 2000, p. 49)

(7) A mudança foi toda colocada no caminhão [...]. Com o balanço, a gaiola caiu com o papagaio. DESCEU *todo mundo*, ACUDIRAM o papagaio e botaram de novo a gaiola lá em cima. (ZIRALDO, 1988, p. 41-42)

Salienta-se, assim, que a pluralização adjacente ao sujeito coletivo singular ainda carrega o estigma de incorreção, pois é aceita como licença poética, isto é, tolerada em textos considerados artísticos, mas não o é para outras modalidades de uso lingüístico.

Hipóteses e objetivos da análise

Apresenta-se, então, uma análise de dois *corpora* de fala cujo objetivo é refutar a pluralização verbal com coletivo singular (como dado em (1) e (3)) como sendo um caso de hipercorreção, isto é, de realização de uma forma lingüística que resultou incorreta para um dado contexto, em virtude de procura exacerbada da correção (HOUAISS, 2001) ou, ainda, nos termos de Labov (1975, p. 126): “Será usado o termo hipercorreção sempre que os falantes da classe média baixa forem além do grupo de *status* mais elevado em sua tendência de empregar as formas consideradas corretas e apropriadas para os estilos formais”¹. Além disso, pretende-se, compreender a pluralização pronominal anafórica explícita de coletivo (como dado em (2)) como um processo correlacionado à referenciação verbal com coletivo singular.

O fenômeno de pluralização verbal adjacente a coletivos explícitos é de baixa ocorrência na língua. Quanto à pluralização na anáfora pronominal explícita de coletivos, supomos que tenha taxas de ocorrência mais altas devido, principalmente, à possibilidade de assegurar a referência ao coletivo, de acordo com o que defendemos.

A investigação serviu-se de variáveis lingüísticas tais como tipo e posição relativa do sujeito, tempo verbal, saliência fônica (+ acentuada/ - acentuada), tipologia oracional e polaridade da estrutura (afirmação/negação), no intento de captar uma sistematicidade subjacente às ocorrências de pluralização, conforme metodologia da Sociolingüística Quantitativa ou Teoria da Variação. Para isso foram utilizados dois *corpora* de fala, um do Rio de Janeiro (PEUL, década de 1980) e

¹ No texto original: “The term hypercorrection will be used, since the lower-middle-class speakers go beyond the highest-status group in their tendency to use the forms considered correct and appropriate for formal styles”.

outro de Fortaleza (*A Linguagem Falada em Fortaleza*, 1986-87), que originaram um total de 968 dados com sujeitos de três tipos: explícitos do tipo *povo, pessoal, família, turma, gente, casal*; explícitos do tipo pronome anafórico e sujeitos não explícitos (anáfora zero), conforme os exemplos:

(8) O que é que esse *pessoal* vai fazer da vida? sei lá, TÃO com medo de casar né (*LFF*, p. 361, linha 842-843)

(9) Locutor: ... a *família* TÁ bastante grande atualmente.

Documentador: E onde ELES moram hoje em dia?

(*LFF*, p. 163, linha 307-09)

(10) O *pessoal* motoqueiro, mesmo que não se conhece, sabe? ELES se tratam bem. (PEUL, 1980. Falante 38, *Leo*)

(11) Se não tivesse orfanato o *pessoal* ia ficar na rua, né? Virar marginal. Lá no orfanato não; VÃO aprender, né? (PEUL, 1980. Falante 55, *Aleksander*)

Da amostra de Fortaleza foram analisados todos os 18 falantes, com intervalo de idade entre 10 e 43 anos e escolarização entre zero (1 analfabeto) e 11 anos de estudos (atual Educação Básica completa). Da amostra original do Rio de Janeiro (64 falantes - 48 adultos e 16 crianças), a amostra do PEUL, foram selecionados 18 adultos e 6 crianças, com escolarização entre 1 e 11 anos de estudo. A intenção dessa seleção na amostra PEUL foi permitir uma comparação, nas mesmas condições, com a amostra de Fortaleza. Indicamos as características gerais dos *corpora* analisados na Tabela 1.

CATEGORIAS	AMOSTRAS							
	FORTALEZA				RIO DE JANEIRO			
FALANTES	18				24			
GÊNERO	HOMEM		MULHER		HOMEM		MULHER	
	8		10		11		13	
FAIXA ETÁRIA	até 15 anos	+ 15 anos	até 15 anos	+ 15 anos	até 15 anos	+ 15 anos	até 15 anos	+ 15 anos
	2	6	4	6	3	8	3	10
TOTAL GERAL DE DADOS	255				713			

Tabela 1: Informações das amostras de fala de Fortaleza e do Rio de Janeiro

Metodologia e resultados quantitativos: fatores lingüísticos

Peculiaridades lingüísticas singulares de cada uma das regiões geoeconômicas brasileiras envolvidas (Nordeste e Sudeste) manifestaram-se na frequência de pluralização do sujeito coletivo singular. Os contornos do fenômeno da pluralização com coletivos permitem claramente algumas conclusões preliminares: embora a frequência média de pluralização em cada uma das amostras seja a mesma (12%), se olharmos para o conjunto dos dados pluralizados com a finalidade de verificar a estratégia mais utilizada em cada uma das amostras, verificaremos que a ocorrência da pluralização se dá, em Fortaleza, mais frequentemente em verbos ligados a coletivos explícitos; no Rio, a pluralização ocorre com mais frequência na anáfora pronominal explícita de coletivos; confirma-se, também no Rio de Janeiro, a anáfora zero como um forte desencadeador lingüístico de pluralização.

As diferentes estratégias de pluralização com coletivos apresentam o seguinte perfil na totalidade dos dados coletados nas duas amostras:

TIPO DE SUJEITO	FORMA PLURAL			
	FORTALEZA		RIO DE JANEIRO	
	No total de dados	No total de dados pluralizados	No total de dados	No total de dados pluralizados
COLETIVO EXPLÍCITO	17/205 = 8%	17/30 = 56%	17/495 = 3%	17/83 = 20%
ANÁFORA ZERO	11/42 = 26%	11/30 = 36%	26/160 = 16%	26/83 = 31%
ANÁFORA PRONOMINAL EXPLÍCITA	2/8 = 25%	2/30 = 6%	40/58 = 69%	40/83 = 48%
TOTAL	30/255 = 12%	30/30 = 100%	83/713 = 12%	83/83 = 100%

Tabela 2: Perfil da variável tipo de sujeito no total de dados e no total dos dados pluralizados das amostras

A tabela acima delinea os percentuais de pluralização no total geral de dados coletados nas duas comunidades antes dos ajustes necessários ao cálculo dos pesos relativos por um programa computacional que, por meio de cálculos estatísticos, delinea um padrão de variação entre formas alternativas no uso linguístico. Trata-se do VARBRUL. As duas colunas da direita, que definem as estratégias de pluralização mais atuantes nas

comunidades, expõem claramente que, em termos absolutos, Fortaleza tende a realizar a pluralização verbal com coletivos explícitos mais vigorosamente que o Rio (56% vs. 20%); e que o Rio de Janeiro tende a realizar mais vigorosamente a pluralização com coletivos via processo anafórico explícito (48% vs. 6%). A pluralização verbal com anáfora zero constitui a segunda prática linguística mais freqüente nas duas comunidades.

Poderíamos conjecturar que, uma vez que a natureza variável da língua possibilita a ocorrência de pluralização com coletivos por duas vias distintas, via verbo e via anáfora pronominal explícita, essas possibilidades poderiam manifestar-se de modo alternado dependendo, imagina-se, do monitoramento/estigma social da pluralização verbal como mecanismo de não-concordância. A anáfora zero, nesse caso, constituiria um âmbito de invisibilidade dessa pluralização.

Por ocasião da constituição do arquivo de células para a etapa final da contabilização estatística pelo VARBRUL, os ajustes efetivados não alteraram essas configurações iniciais apontadas no total de dados, e os resultados, naturalmente, demonstram efeitos que configuram peculiaridades linguísticas que parecem caracterizar cada uma das comunidades de fala.

Resultados quantitativos dos dados de fala apontaram as variáveis *tipo de sujeito* e *saliência fônica* como altamente relevantes no entendimento de um padrão de ocorrência de pluralização verbal com sujeito coletivo singular.

A variável *tipo de sujeito* refere-se à distribuição em sujeitos explícitos (coletivo ou anáfora pronominal) e sujeito não-explícito (anáfora zero). Os resultados apontam claramente a anáfora zero como um fator preponderante na busca por um padrão nas ocorrências da pluralização verbal com coletivos. Nesse caso a contabilidade foi feita sem consideração aos verbos ligados às anáforas explícitas de coletivo singular. Na etapa de apontamento dos pesos relativos foram deixados a parte os dados de anáforas pronominais explícitas porque elas serviram, no geral, para apontar freqüências e tendências, mas não poderiam ser contabilizadas juntamente com os dados de coletivos explícitos e de anáforas zero de coletivo. Com as anáforas explícitas, o fator “número” na desinência verbal, por exemplo, passou a se referir diretamente aos pronomes anafóricos pluralizados, mascarando o vínculo com a morfologia inicial de coletivo singular.

Segue tabela com resultados da variável *tipo de sujeito* nas duas amostras de fala.

TIPO DE SUJEITO	FORMA PLURAL	
	FORTALEZA	RIO DE JANEIRO
COLETIVO EXPLÍCITO	17/192 = 9% (0,31)	13/387 = 3,4% (0,23)
ANÁFORA ZERO	11/38 = 29% (0,85)	22/121 = 18% (0,84)
TOTAL	28/230 = 12%	35/508 = 6,8%

Tabela 3: Resultados da variável tipo de sujeito com pluralização verbal nas amostras

Em Fortaleza, após as operações de ajustamento dos fatores visando ao cálculo de pesos relativos pelo programa, restaram 230 dados, nos quais os anafóricos nulos exibiram uma frequência de pluralização verbal da ordem de 29% e o peso relativo de 0,85. Tais resultados não deixam dúvidas quanto à efetividade dessa via para a ocorrência de pluralização. Em um total de 38 dados de anafóricos nulos, encontramos 11 casos de verbo pluralizado do tipo:

(12) O ônibus ia virando, ficou assim, o pneu entrou dentro do buraco, *o pessoal* tudo gritando, aí SAIRAM tudinho, já houve muito desastre aí nessa Jovita. (LFF, p. 112, linha 352)

(13) o ET no começo era um monstro pra todo mundo, aí no final *todo mundo* chorou quando PENSARAM que ele tinha morrido, sabe, aí no final do filme a nave veio buscar ele. (LFF, p. 178, linha 124-26)

Na amostra do Rio, a dimensão da anáfora zero de coletivo ficou evidenciada nos resultados de 18% de frequência de pluralização e peso relativo de 0,84. Com sujeitos explícitos as duas comunidades apresentam diferenças relevantes nos níveis de pluralização. De modo geral, a pluralização verbal adjacente a coletivo explícito é de baixa ocorrência. Em Fortaleza, da ordem de 9% (17 dados em 205) e no Rio, da ordem de 3% (17 dados em 495. Cf. tabela 2).

Esse tipo de pluralização com coletivo explícito parece revelar um diferencial no nível das pressões sociais atuantes. Todavia, o limiar de percepção do plural por meio de outras estratégias é de tal maneira baixo que o torna invisível. Concebe-se então esse plural no processo de referenciação como uma garantia de esquiva de ambiguidade na sintaxe.

Nossos dados apresentaram exemplos de anaforização pronominal explícita, como exposto em (14) e (9):

(14) *A geração do meu pai*, eu acho que ELES falam muito do tempo antigo.
(PEUL, 1980, falante 4, *Lei*)

(9) Locutor: ... *a família* TÁ bastante grande atualmente.

Documentador: E onde ELES moram hoje em dia?

(LFF, p. 163, linha 307-09)

Em (14) destacamos um caso de topicalização com coletivo singular (a geração do meu pai) e a interpretação pluralizada desse coletivo.

Fique registrado que o debate acerca de um entendimento do fenômeno da referenciação é antigo e apresenta perspectivas de análise que oscilam entre o pragmático e o cognitivo. A perspectiva pragmática entende a anáfora como uma projeção inferencial situada; a perspectiva cognitiva analisa a anáfora como uma representação mental. Por ora não planejamos proposta para discussão.

A variável *saliência fônica*, constituída com base em Lemle e Naro na década de 1970 (apud SCHERRE, 1989, p. 301), diz respeito ao grau de diferenciação de material fônico entre duas formas quaisquer. No caso desta pesquisa, considera, no verbo, a grandeza do diferencial fônico entre formas no singular e formas no plural. A mensuração da saliência fônica leva em conta os critérios de posição da tonicidade e de quantidade de material fônico, diferenciando a forma singular da forma plural, como fator influente na análise de fenômenos lingüísticos, notadamente na concordância verbal (NARO, 1981; NARO e SCHERRE, 1999a). A correlação encontrada nessas pesquisas apoia a afirmação de que formas mais salientes (com diferenças fônicas mais acentuadas) geram maior tendência de concordância verbal, no caso de sujeito de terceira pessoa. Com os coletivos essa conclusão estrita não se dá. Em dados como (15) e (16),

(15) Sarney não é um mau governo não, *o pessoal* TÃO falando muito dele agora. (LFF, p. 213, linha 74)

(16) E *o pessoal* praticamente FORAM expulso, né?

(Amostra PEUL, 1980. Falante 20, *Ces*)

verifica-se que maior saliência fônica gera sim maior tendência de pluralização nos verbos, o que não caracteriza, no caso dos coletivos, concordância canônica. A seguir, os resultados referentes à variável devem ser comparados às frequências médias de pluralização verbal nas amostras que são, para Fortaleza e Rio de Janeiro, respectivamente, 12% e 6,8%:

Tabela 4: Resultados da variável saliência fônica na pluralização verbal das amostras

SALIÊNCIA FÔNICA	FORMA PLURAL	
	FORTALEZA	RIO DE JANEIRO
MAIS ACENTUADA (vai/vão; é/são)	22/82 = 27% (0,86)	20/183 = 11% (0,72)
MENOS ACENTUADA (ia/iam; gosta/gostam)	6/148 = 4% (0,27)	15/325 = 5% (0,37)
TOTAL	28/230 = 12%	35/508 = 7%

A influência da *saliência fônica* na amostra de Fortaleza é inequívoca em qualquer tipo de rodada que se proponha. Em termos de frequências brutas ob-

servamos que, de 230 verbos, 82 eram de alta saliência e, destes, 22 apresentaram-se no plural. A taxa de 27% de pluralidade nos verbos mais salientes é a de maior influência na conjuntura dos fatores envolvidos na variação.

A pluralização verbal pela escala da saliência fônica distribui-se refletindo uma polarização. Em Fortaleza, enquanto temos 27% de plural em verbos com alto nível de saliência, temos 4% de plural em verbos de baixo nível de saliência fônica; maior grau de saliência tem peso relativo de 0,86, isto é, favorece a ocorrência de plural na desinência verbal; menor grau de saliência tem peso relativo de 0,27, isto é, desfavorece a ocorrência de plural no verbo.

Semelhantemente ao que ocorre na amostra de Fortaleza, a *saliência fônica* apresenta-se como uma variável influente na amostra do Rio. Embora as grandezas numéricas de seus fatores não tenham demonstrado o mesmo gradiente de polarização apresentado em Fortaleza, manteve-se a indicação da importância da oposição entre a saliência mais acentuada e a saliência menos acentuada. Os pesos relativos nesta diferenciação, no Rio de Janeiro, foram de 0,72 para saliência fônica mais acentuada e 0,37 para saliência fônica menos acentuada contra 0,86 e 0,27 em Fortaleza.

Outros fatores lingüísticos utilizados na etapa de codificação dos dados, tais como posição relativa do sujeito, tempo verbal, tipologia oracional e polaridade da estrutura, não foram selecionados pelo VARBRUL como estatisticamente relevantes no entendimento da variação em análise. Quanto aos fatores sociais controlados, apresentaram instabilidade estatística.

Um fenômeno translingüístico?

Interessa assinalar, ainda, que a pluralização com coletivo singular explícito já foi referida no francês (KOCH, 2002) e no inglês (*Collins Cobuild English Grammar*, 1990; PINKER, 2002).

Koch (2002, p. 112) refere-se à pluralização verbal com coletivos no francês que, tal como o português, apresenta oscilações de valor ao longo do tempo e da modalidade falada da língua. Adverte que as pluralizações, “quando “saem da pena de um escritor”, são atribuídas a uma silepse e não uma inadvertência. Lá como cá, as coisas caminham de forma semelhante”.

Na língua inglesa uma gramática de linha funcionalista, *Collins Cobuild English Grammar* (1990, p. 16-17), apresenta as possibilidades de singular e de plural no verbo relacionado a substantivo coletivo², das quais dá exemplos:

(17 a) Our *family isn't* poor any more.

(17 b) My *family are* perfectly normal.

Peres e Mória (1995, p. 464), lingüistas da Universidade de Lisboa, também fazem referência a essa possibilidade de combinação da forma verbal plural com o sintagma de tipo coletivo em língua inglesa, afirmando que esta é opcional e citando os seguintes:

(18a) The football team *is* playing tonight.

(18b) The football team *are* playing tonight.

(19a) The couple *has* five children.

(19b) The couple *have* five children.

Steve Pinker (2002, p. 488-489) assinala a falta de sensatez do purismo lingüístico e defende a estratégia de pluralização alegando que esse suposto erro gramatical teria coerência até mesmo pela perspectiva lógico-formal, como na combinação, por exemplo, do sujeito *everyone* ou *anyone* com o pronome *their* e não *his*, como proposto pelo cânone:

(20) *Everyone* returned to *their* seats.

(21) If *anyone* calls, tell *them* I can't come to the phone.

A pluralização nesses casos não causa estranheza, pois a relação é intuitivamente reconhecida e as distinções semânticas autorizam a variação. Assumimos, então, a hipótese de que a pluralização na anáfora de coletivo singular, longe de assinalar uma discordância morfossintática, apresenta a propriedade de assegurar justamente a referência ao sujeito coletivo.

²When you use a collective noun, you can use either a singular verb or a plural verb after it. You choose a singular verb if you think of the group as a single unit, and a plural verb if you think of the group as a number of individuals.

Considerações Finais

Acreditamos que o conjunto de condicionantes lingüísticos apontados estatisticamente, ainda que não esteja correlacionado a um panorama social claramente definido nesta etapa, é suficiente para rechaçar a hipótese de que a pluralização com coletivos tenha o caráter de hipercorreção, isto é, de considerar que o falante troca conscientemente uma forma singular por uma forma pluralizada na expectativa de estar socialmente amparado, de estar falando bem. Além disso, ainda que haja algumas diferenças no perfil da pluralização com sujeitos coletivos nas amostras, as evidências operam no sentido de corroborar nossa hipótese de partida de que há uma sistematização subjacente ao fenômeno. Ficou evidente que o funcionamento do sistema lingüístico é semelhante em ambas as comunidades.

A indicação das mesmas variáveis de caráter interno, *tipo de sujeito e saliência fônica*, na seleção estatística, é evidência de que elas se constituem critérios válidos para indicar uma sistematização quando da ocorrência de pluralização com sujeitos coletivos explícitos ou não. No plano da pluralização na anáfora pronominal dos coletivos a preocupação maior foi identificar seu nível a fim de apresentar um argumento adicional a favor da hipótese de que o plural, seja no verbo, seja no pronome, assegura a referência ao coletivo.

Sofrem estigmatização os falantes que realizam a pluralização verbal adjacente a coletivo singular explícito, mas há uma área em que a pluralização ocorre e não foi dimensionada, nem sequer percebida, que é a da pluralização na anáfora pronominal explícita de sujeito coletivo, seja na fala, seja na escrita não-literária.

Defendemos, por fim, que um fenômeno com dupla possibilidade de expressão, como a pluralização com coletivo singular, a ser investigado no âmbito da concordância verbo-sujeito, da concordância nominal e da referenciação, certamente vale como argumento no combate às discriminações devidas a aspectos lingüísticos, em conformidade com os avanços de uma ética lingüística em favor de um mundo melhor.

Plurality with the singular simple collective subject in Portuguese

Abstract: This paper focuses on the pluralization of the verb and the pronoun in the anaphora of singular collective subject. It is argued that the plural form of the verb should not be considered as hypercorrection. It is also argued that the anaphoric pluralization assures the reference to the collective. Two corpora of speaking were analyzed and the quantitative results presented by VARBRUL

showed the variables phonic projection and type of subject as systematizing power in the occurrence of pluralization.

Key-words: *Collective nouns, hypercorrection, phonic projection, anaphorization.*

Bibliografia

ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. rev. São Paulo: Melhoramentos/ Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ARAGÃO, Maria do S. Silva de. & SOARES, Maria Elias (Orgs.). *A linguagem falada em Fortaleza*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1996.

ARNAULD & LANCELOT. *Gramática de Port Royal ou gramática geral e razoada*. Trad. de Bruno Fregni Basseto e Henrique Graciano Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Collins COBUILD English grammar. Londres: University of Birmingham/Collins Publishers, 1990.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* 1.0. Rio de Janeiro: Instituto A. Houaiss/ Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore V. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LABOV, William. The study of language in its social context. In: _____. *Sociolinguistic Patterns*. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975. p. 183-259.

_____. *Principles of linguistic change*. Vol. 2: social factors. Massachusetts: Blackwell, 2001.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. *Sujeito coletivo singular em português: concordância e referencialidade*. 2003. 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UnB, Brasília.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle M. & TARALLO, F. (Orgs.). *Cadernos de estudos linguísticos*. n. 20. Campinas: UNICAMP, 1991. p. 59-74.

_____. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

_____. *A concordância verbo-nominal facultativa no português arcaico*. IX Congresso da ALFAL, GT Linguística Histórica, Campinas – SP, 1990.

- MAURER Jr. Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- NARO, Anthony J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*. LSA, n. 57, v. 1, 1981, p. 63-98.
- NARO, Anthony J. & SCHERRE, M. M. P. Influência de variáveis escalares na concordância verbal. *Idéia*. Revista da Faculdade de Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana, 1999a, p. 17-34.
- OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de. Variáveis sociais e perfil do *Corpus Censo*. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle M. de & SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p.51-81.
- PERES, João Andrade & MÓIA, Telmo. *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- PINKER, Steven. *O instinto da linguagem*. Como a mente cria linguagem. Trad. de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ROCHA LIMA, Carlos H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 19. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1972.
- SCHERRE, Maria Marta P. Sobre a atuação do princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes/UNICAMP, 1989.
- SOUZA, Joaquim B. de. E-book entre bytes e bits. *Livro Aberto*, jun./jul. 2000.
- TOVAR, Antonio. *Gramática histórica latina: sintaxis*. Madrid: S. Aguirre, 1946.
- ZIRALDO. *As últimas anedotinhas do bichinho da maçã*. São Paulo: Melhoramentos, 1988. p. 41-42.